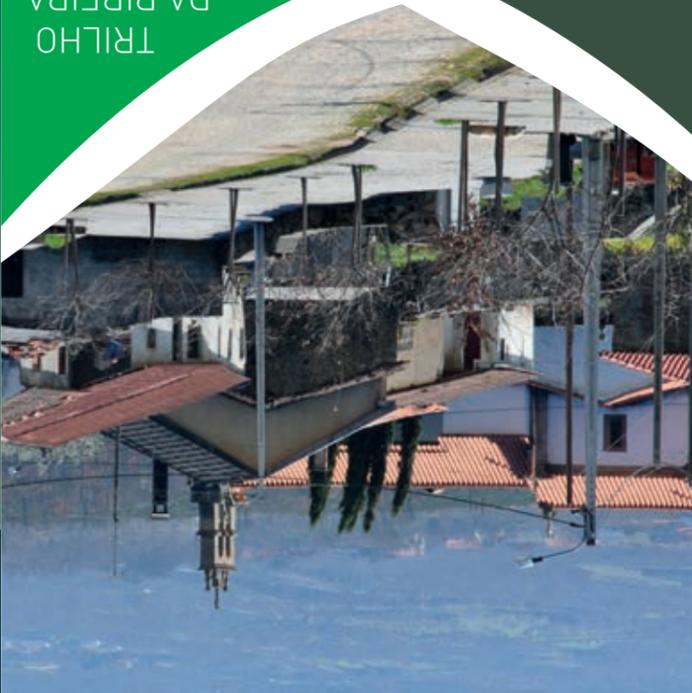


MÓS

INTERPRETATIVO DE
 E PERCURSO
 DA RIBEIRA
 TRILHO



MOINHO

Moinho Comunitário

O moinho comunitário ou do povo, localizado junto a ribeira do Penacal, construído em xisto, de planta retangular, encontra-se atualmente desativado.

No seu interior encontra-se ainda o mecanismo da moagem. Era um moinho de inverno e praticamente só trabalhava nessa estação do ano. Outrora, a sua conservação e manutenção estava a cargo do "concelho do povo". Todos os habitantes da aldeia tinham o direito de moer o seu cereal à vez.

Este processo era executado pela força da água corrente que era desviada do seu curso normal através de uma levada e entrava no moinho pelo cubo (tubo de pedra) que por sua vez fazia rodar os rodízios de madeira que estavam ligados as mós (pedras lisas em formato circular) que giravam e trituravam os grãos de cereais (centeio e trigo), transformando-os em farinha.

LAVADOURO PÚBLICO

Tanque de lavar a roupa

Geralmente localizados ao lado da fonte, havia os lavadouros públicos onde as mulheres iam lavar a roupa e também cavaquear. Antigamente, a roupa suja era carregada em trouxas até ao lavadouro público local, uma tarefa dura e ingrata, onde era ensaboado com sabão azul e branco e esfregada na pedra áspera de granito.

Neles juntavam-se várias mulheres da comunidade em ambiente de conversa e convívio, onde se cantava e se inteiravam dos boatos e mexericos.

Era um local de socialização entre as mulheres, para segredos e para a confidência, para o "diz-se-que disse e não se diz", espaço de reportório e de pasquim da vida aldeã. Provavelmente neste espaço que surge a famosa frase - "Lavar a roupa suja".

Surgiram em finais do século XIX, passando a ser muito concorridos por lavadeiras de mister e outras mulheres que só lavavam a sua própria roupa.

FONTE DE MERGULHO

Fonte de mergulho ou chafurdo

Antes da chegada dos chafarizes com água canalizada e condições de asseio, a água para abastecimento das nossas aldeias repousava nas fontes de chafurdo, ou de mergulho, onde se enchiam caldeiros e cântaros e outros recipientes.

A origem do nome deve-se ao facto de que para retirar a água da fonte era necessário mergulhar o recipiente utilizado para o transporte (cântaro, "pechorra", ou outro) introduzido diretamente na água da fonte, com a própria mão, ou seja, mergulhado, e daí o nome Fonte de mergulho.

Para proteção era construída uma meia cúpula de pedra, com maior ou menor estilo, mas deixando sempre suficiente espaço para o manobrar do cântaro ou do caldeiro.

Muitas fontes deste género estavam desniveladas em relação ao solo, sendo necessário construir uma escada de acesso, pela qual se descia até à tomada da água.

CONTACTOS ÚTEIS:

Junta de Freguesia:
 273 979 427 | 936 372 028

B. V. Bragança:
 273 300 210

G.N.R.:
 273 300 570 | 273 300 530

SOS:
 112

TRILHO
 DA RIBEIRA
 E PERCURSO
 INTERPRETATIVO DE
MÓS



FORJA COMUNITARIA

Forja Comunitária

A forja comunitária era uma oficina do povo onde, de acordo com regulamento próprio, aguçavam as enxadas, enxadões, picos, machadas, relhas do arado e também se faziam ou concertavam outros utensílios metálicos: dobradiças, trasfogueiros, grades, ferraduras, aros dos carros de bois.

A forja era instalada numa casa térrea, geralmente de pequena dimensão. Tinha no interior um maciço de pedra, onde se colocavam as brasas de azinho e sobre, designada como fornalha e sobre ela uma pedra vertical, com um buraco onde passava o bico do fole, construído em madeira e couro, de grande dimensão acionado por uma alavanca manual.

Próximo da fornalha estava o cepo com a bigorna, também designada cavalete ou safra, onde o malho moldava o ferro e também a pia com água para o temperar. O conjunto integra ainda algumas ferramentas para forjar o ferro: calcadores, talhadeiras, ponteiros, tenazes, entre outros.



MUSEU RURAL

Museu Rural

Inaugurado a 6 de agosto de 2006, O Museu rural de Mós, encontra-se instalado num edifício recuperado que outrora teve funções de palheiro e loja de animais.

Este espaço está repleto de todo o tipo de objetos e artefactos que fizeram parte da vida quotidiana da população local, que tinha no mundo rural a sua forma de vida. Os objetos apresentados transmitem conhecimentos de uma sociedade rural, pertencente ao passado, mas ainda suficientemente próxima para ser espaço de partilha de memórias e de referência identificada que une e identifica diferentes gerações.

Aqui são exibidos artefactos que levam o visitante numa verdadeira viagem ao passado recuperado através de elementos etnográficos que mostram como as tarefas eram desempenhadas há alguns anos atrás



POMBAL

Pombal

Os pombais (abrigos para pombos) do Nordeste, caracterizam-se essencialmente pela uniformidade arquitetónica. Construídos em pedra estucados e caiados de branco, em forma circular ou em ferradura, os pombais raramente têm uma planta quadrangular. Apresentam uma pequena porta de acesso aos humanos e ao nível da cobertura existem pequenos orifícios para a circulação dos pombos.

Até aos anos sessenta do século passado, os pombais produziam pombos para alimentação e o estrume pombito era aproveitado para fertilizar os campos.

A partir da década de 60, parte da população rural emigrou, desencadeando o abandono de práticas agrícolas tradicionais, nomeadamente o cultivo do trigo, centeio. Os que permaneceram na região, modificaram as suas culturas, mecanizando-as, com recurso a agroquímicos inorgânicos. Face a estas mudanças drásticas, os pombais viram desaparecer por completo a sua utilidade.

Freguesia de MÓS

"Que se fizer à estrada à procura das terras mágicas do nordeste transmontano, não deve regressar a casa sem desfrutar a calma bucólica e reconfortante da aldeia de Mós.

Situada no sopé da serra de nogueira e dista 12 km de Bragança, na antiga estrada nacional Bragança-Porto, podemos dizer que a beleza começa aqui, pois esta aldeia está ornamentada por uma vegetação paradisíaca que nos devolve o sentido da ruralidade onde o tempo se vive sem pressa, se respeita o passado, sem adiar o futuro. Aqui, vale a pena comungar a exuberância de frondosas matas de castanheiros, ou estão respirar o ar puro vindo das imponentes serras da Nogueira e Montezinho. Os montes falam-nos dum paraíso possível, feito de estevas, de urzes floridas, de rosmarinho, enfim duma flora imensa que é magia para os olhos e balsamo para a alma.

Depois, temos que nos fazer à ribeira, ver o velho moinho onde as mós rodando já fizeram o milagre da farinha e do pão mais saboroso do mundo, a boga dos remansos, o barbo das águas fundas e a fugidia truta materializam as delícias dos pescadores que procuram boas pescarias, o silêncio e o descanso na tranquilidade das águas que se espriam em cambiantes de prata e ouro. A aldeia de Mós é um pedaço do Nordeste Transmontano que vale a pena visitar, pela sua genuinidade, pela sua beleza, como quem regressa a casa depois duma longa caminhada."

As alterações cromáticas conjugadas pelas estações do ano recriam esta paisagem e motivam repetidas visitas.

Percurso de MÓS

O Trilho da Ribeira é um percurso circular de pequena rota com elevado interesse paisagístico, cultural e ambiental. Apresenta uma extensão de 9,87 km, percorrendo terrenos situados em altitudes entre os 602m e os 784m. A altitude que a rota atinge permite a observação de vegetação diversa onde impera o castanheiro, atravessa bosquetes de carvalho negral e azinheiras

É inevitável sentir o aroma dos orégãos, do tomilho, dos poejos, das estevas e das arças. Os restantes sentidos também são chamados a cooperar para observar o planar das aves de rapina, os melros, as trepadeiras, entre outros, ouvir o canto dos chapins e ver o azul de um gaio contrastando com a transparência de uma libélula.

O percurso é dividido em duas partes, o caminhante pode optar pelo percurso total de 9,87 km, ou só por uma parte dele 6,01 km (Percurso Interpretativo de Mós). Ambos os percursos têm início e fim no centro da aldeia.

No trajeto mais longo sai-se do centro da aldeia em direção ao cruzeiro. Junto ao cruzeiro, do lado esquerdo, entra-se num caminho de terra batida, ladeado de castanheiros, carvalhos e locais de pastagem (lameiros) rodeados de freixos. Ao ganhar altitude, do lado esquerdo, temos uma vista panorâmica da Serra de Nogueira. Descendo em direção à aldeia, entramos num denso soto de castanheiros. Esses castanheiros seculares que teimam em resistir a erosão do tempo.

Normas de conduta:

- Não saia do percurso marcado e sinalizado.
- Preste atenção às marcações.
- Evite fazer ruídos e barulhos.
- Respeite a propriedade privada. Feche os portões e as cancelas.
- Não danifique as culturas.
- Não abandone lixo.
- Cuidado com o gado. Não incomode os animais.
- Deixe a Natureza intacta.
- Não recolha plantas, animais ou rochas.
- Faça fogo apenas nos locais destinados para o efeito.
- Evite andar sozinho.
- Tenha o máximo cuidado nos dias de nevoeiro.
- Utilize sempre botas de montanha, impermeável e um chapéu.

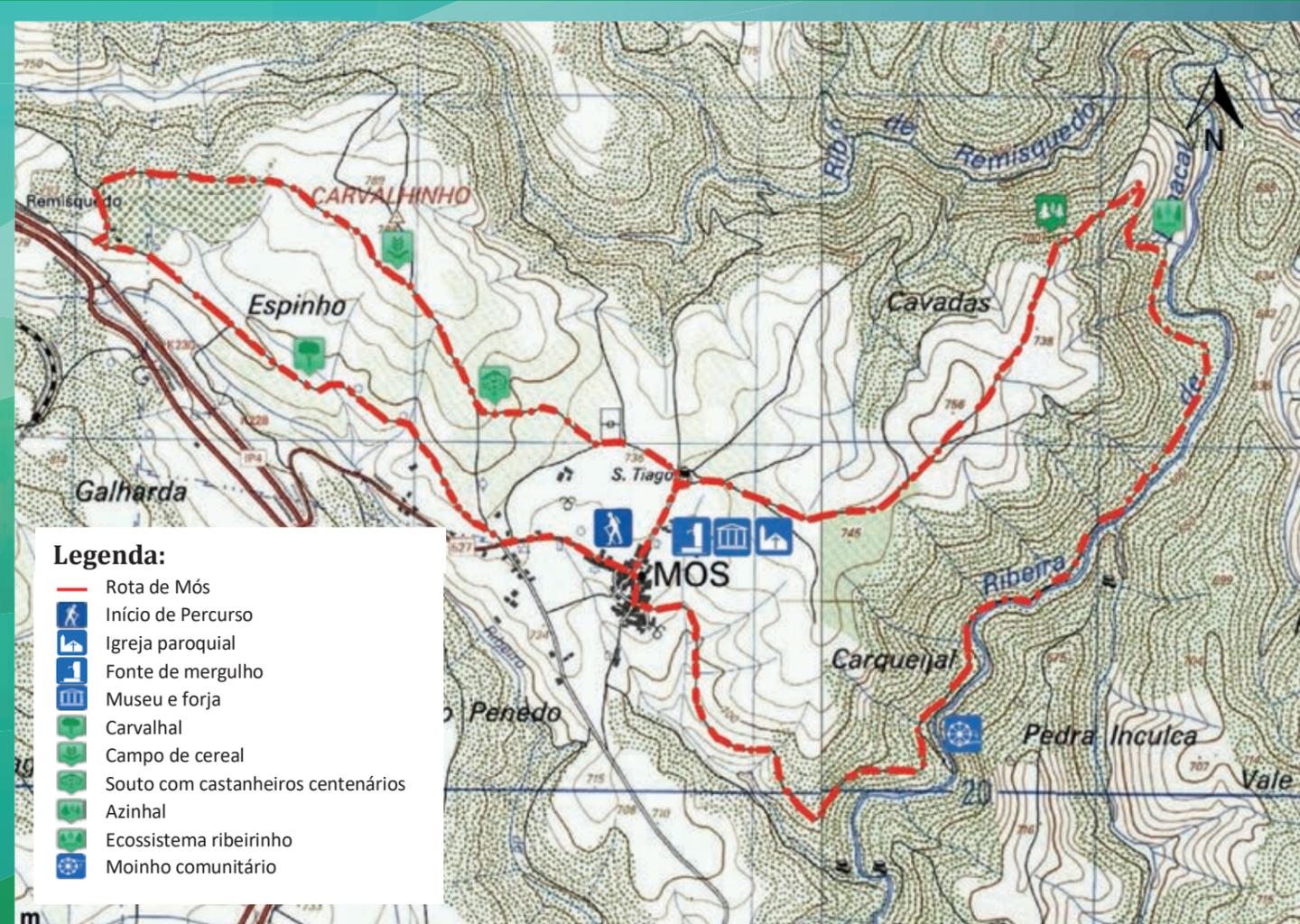
CAMINHO CERTO



CAMINHO ERRADO



MUDANÇA DE DIRECÇÃO



Legenda:

- Rota de Mós
- 🚶 Início de Percurso
- 🏛 Igreja paroquial
- 📖 Fonte de mergulho
- 🏛 Museu e forja
- 🌿 Carvalho
- 🌾 Campo de cereal
- 🌿 Soto com castanheiros centenários
- 🌿 Azinhal
- 🌿 Ecosistema ribeirinho
- 🏞 Moinho comunitário

Percurso de MÓS

Junto ao cemitério, opte pelo caminho da direita, depara-se à direita com uma plantação de oliveiras (árvores características da Terra Quente), aqui é visível o quanto as alterações climáticas estão a afetar o clima do Nordeste Transmontano. Descendo em direção a ribeira do Penacal, contemple o voo silencioso de uma ave rapina e observe a paisagem com o olhar, focando ao longe as aldeias de Sarzeda, Failde e S. Pedro.

Ao longo de todo o trajeto, os carvalhos dão agora lugar às azinheiras, também denominadas por carrascos, onde a presença de líquenes é constante, significa que estamos numa zona em que o ar que respiramos está praticamente ausente de poluição (são indicadores biológicos da qualidade do ar).

Junto à linha de água, encontram-se arbóreas ribeirinhas e a vegetação ripícola. Junto ao moinho comunitário faça uma pausa e desfrute de momentos agradáveis em contacto com a natureza, rica pela sua biodiversidade e tranquilidade. Está agora autorizado(a) a dirigir-se até ao fim do percurso.

De regresso a Mós, não deixe de visitar o museu rural e a forja comunitária onde estão expostos alguns objetos antigos e que fazem parte da memória do povo da aldeia.

No percurso interpretativo mais curto vai-se do centro da aldeia em direção ao cemitério, segue-se no caminho à direita e segue o percurso a cima escrito.

Fauna e flora

Esta zona reveste-se de touças de carvalho negral, carrascos e sotos com exemplares centenários. Nos locais de pasto surgem os freixos e alguns olmos. Junto a linha de água podem ser contempladas cortinas arbóreas ribeirinhas de choupos, amieiros, salgueiros freixos, pilriteiros. Junto ao solo aparecem arbustos como: a esteva, a giesta, o rosmarinho, a urze, o trovisco, o sargaço, as arças que abrigam outras plantas mais rasteiras como: o tomilho, orégãos, morangos silvestres, hortelã, mentrastos primulas, etc.

O "Trilho da ribeira" alberga ainda as mais variadas espécies faunísticas, sobretudo aves, que tem o mosaico agrícola e as zonas de mato como habitats prediletos, pois serve de abrigo e fonte de alimentação. Destaca-se a alvéola-comum, a aguia-de-asa-redonda, a andorinha-dos-beirais, o pardal, o melro, o pintassilgo, verdilhão, o picanço-barreteiro e o tartaranhão-caçador. Para além das aves também os mamíferos, como corço, o javali, o coelho e a lebre, a geneta, a raposa, e o lobo, escolhem zonas de matos e de florestal para se instalar. Para além da fauna inúmera anteriormente o caminhante poderá ainda encontrar outras espécies, como a cobra-rateira, a cobra-de-água-viperina, a lagartixa-ibérica, a lagartixa-do-mato, o lagarto, a rã-ibérica, a rã-verde a salamandra-de pintas-amarelas, o tritão

Ficha técnica e perfil de altitude

Nome: Trilho da Ribeira	Localidade: Mós
Coordenadas de início: X=29T 683503 Y=4620351	
Tipo: Circular	
Sentido aconselhado: ponteiros do relógio	
Extensão: 9,87 km	
Duração (aproximada): 4h	
Altitude: Entre os 602m e os 784m	
Dificuldade: Média	



Nome: Percurso Interpretativo de Mós	Localidade: Mós
Coordenadas de início: X=29T 683503 Y=4620351	
Tipo: Circular	
Sentido aconselhado: ponteiros do relógio	
Extensão: 6,01 km	
Duração (aproximada): 3h	
Altitude: Entre os 602m e os 753m	
Dificuldade: Média	

